

Poder regionalista

ROGÉRIO COELHO NETO

Essa idéia de que o voto útil será conduzido na eleição de amanhã, em primeiro turno, ou na eleição do dia 17 de dezembro, em segundo turno, através de simples avenidas ideológicas, é um ledó engano. Uma simples checagem, País afora, mostra, neste momento, que a boca-de-urna começou há uma semana e gira, sobretudo nos grandes Estados, ao sabor dos interesses regionais de cada chefe político dos partidos mais fortes — o PMDB e o PFL —, que acabaram, por ironia do destino, fora da corrida presidencial desde o tiro de largada.

No final de semana, em São Paulo, o governador Orestes Quércia, por exemplo, deu por encerrada sua missão de tutor-mor da fracassada candidatura do deputado Ulysses Guimarães, autorizando alguns de seus mais importantes auxiliares, como o secretário de Minas, João Leiva, a introduzirem o candidato do PDT, Leonel Brizola, em expressivos arraiais peemedebistas.

Quércia não chegou a manter nenhum contato direto com Brizola, mas João Leiva se encarregou de representá-lo e abrir uma linha direta com o presidente do PDT no Estado do Rio, Cibelis Viana, um velho trabalhista que funciona como um dos principais coordenadores da campanha do ex-governador fluminense. O governador de São Paulo só pretendia entrar pesado, ao lado de Brizola, no segundo turno da eleição, se o candidato pedetista chegar lá. Seus planos tiveram de ser antecipados, no entanto, ante a ascensão do candidato do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, e mais que isso, pela subida do candidato **tucano**, Mário Covas, neste reta final da campanha. Brizola talvez não seja o melhor presidente para Quércia nem para São Paulo. Mas, para os sonhos de poder do governador, que espera materializá-los a médio e a longo prazos, o candidato do PDT prejudica menos do que Lula e Covas, se um dos dois vier a chegar ao poder. Se nenhum paulista tiver êxito na eleição deste ano, incluindo-se aqui o já derrotado candidato do PMDB, Ulysses Guimarães,

Quércia vira o ano e entra na década de 90 como a maior liderança política do Estado mais forte da Federação.

***O fisiologismo
vira, ainda,
aqui e ali,
forte
esperança***

O governador de Minas, Newton Cardoso, também desmoraliza qualquer conceito técnico que tente enca-

minhar o raciocínio de que o voto útil será ideológico, daqui para a frente. O esperto governador mineiro distribuiu algumas de suas alavancas políticas entre os candidatos mais fortes, agindo de acordo com o sabor do momento. A vice-governadora Júnia Marise foi compelida a apoiar Collor, do PRN, mas houve quem fosse levado ao sacrifício de ficar com as candidaturas de Paulo Maluf, do PDS, e de Ronaldo Caiado, do PSD. A enganosa subida do candidato do PL, Guilherme Afif Domingos, que acabou se convertendo em visita da monte, obrigou Newton a encostar no bem votado deputado paulista, liquidando-o, o senador Alfredo Campos.

O voto útil é realmente isso que estes poucos exemplos demonstram. A montagem dos interesses regionais para a campanha de 1990 é o que dá ao voto de peemedebistas e pefelistas, que ficaram sem pai nem mãe na sucessão, a cara da ocasião. O governador Álvaro Dias, do Paraná, queria oferecer o apoio oficial do PMDB do seu Estado a Mário Covas, mas desistiu, em cima da hora, a conselho do seu secretário de Desenvolvimento Urbano, Roberto Requião. Mas o que puder, por trás das cortinas, nos bastidores, Álvaro Dias encaminha para Covas, já na eleição de amanhã.

Nesse voto de mil facetas, o fisiologismo vira, ainda, aqui e ali, forte esperança. Há quem sonhe em comandar este ou aquele setor da vida pública nacional, se Collor, Covas ou Brizola ganhar. Melhor seria realmente que o voto útil fosse, como acreditam analistas de gabinetes e cientistas distanciados das ruas, um impulso ideológico permanente. Mas a realidade é outra e mudá-la, agora, parece uma tarefa impossível para candidatos líderes e dirigentes partidários.

Rogério Coelho Neto é jornalista